



QUEM É REALMENTE REFORMADO? RELEMBRANDO CONCEITOS BÁSICOS DA FÉ REFORMADA

*Valdeci da Silva Santos**

RESUMO

O objetivo deste artigo é oferecer uma visão panorâmica da fé reformada na busca de uma identificação mais precisa dessa tradição. Ainda que alguns tópicos aqui discutidos mereçam análises particulares, o propósito deste estudo é estabelecer o mapa geral para que se encontre mais facilmente o ponto específico a ser cuidadosamente investigado. Desta forma, busca-se corrigir algumas concepções genéricas e distorcidas sobre o tema. O artigo está dividido em três seções básicas. Primeiramente, são analisados os aspectos históricos; em seguida, os princípios doutrinários e, por último, a perspectiva cultural da fé reformada. Ainda que limitados, esses tópicos parecem oferecer uma estrutura básica do sistema em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia; Fé reformada; Calvinismo; História; Doutrina; Reforma; Cosmovisão reformada.

INTRODUÇÃO

A conhecida revista americana *Christianity Today* trouxe, como artigo de capa em sua edição de setembro de 2006, uma reportagem sobre o ressurgimento do interesse pela teologia reformada nos Estados Unidos.¹ Segundo o articulista, esse fenômeno tem atingido especialmente os jovens que “rejeitam

* O autor é ministro presbiteriano, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo e professor de teologia pastoral e sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

¹ Neste artigo, os termos “teologia reformada”, “fé reformada” e “calvinismo” serão usados indistintamente.





o evangelicalismo genérico e propagam os benefícios de um conhecimento mais profundo da doutrina bíblica”.² Para surpresa de muitos, esse interesse da juventude pelo calvinismo é maior do que pelo Movimento da Igreja Emergente (cuja proposta dirige-se especialmente à sua faixa etária). É verdade que a “conversação emergente” recebe muita atenção da mídia, mas o novo movimento reformado parece ser um fenômeno mais abrangente e profundo”.³ O fato é que, devido a esse recente acontecimento, alguns pastores têm mudado de opinião no que diz respeito ao trabalho com a mocidade. Segundo Joshua Harris, “a expectativa de muitos é que o adolescente não consegue digerir verdades doutrinárias ou que elas são repulsivas para eles, mas a experiência tem provado exatamente o contrário”.⁴ Esses fatores certamente poderão produzir uma mudança dramática de paradigmas quanto ao ministério com jovens. Somente o tempo revelará o que este novo apelo da fé reformada poderá causar nas igrejas e na cultura.

Notícias de outros países confirmam a redescoberta da fé reformada também por outros povos. Na Escócia, as Conferências Reformadas Lambert continuam atraindo considerável número de participantes.⁵ Na Albânia, alguns protestantes alimentam esperanças de que a literatura reformada seja instrumental na correção da confusão religiosa que assola o país.⁶ Em Zâmbia, cresce o número de participantes de uma fraternidade que comunga convicções doutrinárias reformadas, celebra conferências anuais e edita trimestralmente um periódico próprio.⁷ Há que se lembrar ainda do crescente impacto da teologia reformada na Coreia do Sul e no Japão. Tudo isso aponta para um notável progresso da teologia reformada ao redor do mundo.

No Brasil, há poucos anos o termo “reformado” poderia ser confundido com a aposentadoria de militares ou com o processo de restauração de algum imóvel. Uma igreja reformada era apenas uma igreja na qual haviam sido feitas obras de melhoramento estético. Hoje, todavia, há uma crescente quantidade de pessoas familiarizadas com o termo, e muitas delas identificam-se com a teologia que ele representa. Parte dessa mudança deve-se ao crescente número de publicações reformadas, traduzidas ou produzidas originalmente em português. Algumas denominações históricas redescobriram, já há décadas, o valor de seus documentos confessionais e os vêm enfatizando em seus seminários e cursos de pós-graduação. Há que se considerar ainda as contribuições das

² HANSEN, Collin. Young, restless, Reformed: Calvinism is making a comeback and shaking up the church. *Christianity Today* (Setembro 2006), p. 33.

³ Ibid., p. 34.

⁴ Apud HANSEN, Young, restless, Reformed, p. 37.

⁵ News and comments. *The Banner of Truth* (Janeiro 2006), p. 13.

⁶ Ibid., p. 16.

⁷ Cf. *Reformation Zambia: a Zambian Reformed Baptist periodical* (Maio-Agosto 2006).





conferências de conteúdo reformado realizadas em diversas partes do país, bem como os esforços de algumas instituições de ensino que possuem tal orientação teológica. O fato é que a palavra “reformado” já não causa mais estranheza aos ouvidos do mundo evangélico; ela “realmente se tornou popular”.⁸ Mas não se pode afirmar que todos os que a usam compreendem realmente o seu significado. Nem todos aqueles que se apresentam como reformados aderem aos pontos essenciais da fé reformada, quer por ignorância, quer por sutileza política.⁹

Familiaridade nunca foi sinônimo de profundidade e, portanto, é possível que muitos que se identificam com o conceito reformado ainda careçam de uma compreensão mais profunda e abrangente daquilo que ele representa. Isto foi especialmente indicado por Richard D. Phillips em uma palestra na Conferência de Teologia Reformada, em Filadélfia, em 2004. Segundo Phillips, no processo de uso excessivo da palavra reformado, “o termo começou a receber uma definição tão ampla que o seu sentido ficou diluído”.¹⁰ Além do mais, o número de variações existentes sobre diferentes assuntos na tradição reformada contribui para que haja sérias confusões a esse respeito. Por exemplo, muitos que seriam mais bem identificados como hipercalvinistas, teonomistas, tradicionalistas, neo-ortodoxos ou até antinomistas, ecumênicos e partidários do liberalismo teológico alemão do século 19, poderão identificar-se como reformados e se ressentirão se alguém disser o contrário.¹¹ Nunca será fácil determinar quem é de fato reformado e quem não é. Por essa razão, há que se considerar que muitos dos que se professam reformados na verdade apenas redefinem o termo de acordo com a sua conveniência pessoal.

O objetivo deste artigo é oferecer uma visão panorâmica da fé reformada na busca de uma identificação mais precisa.¹² Ele não tem o propósito de apresentar um compêndio sistemático, com elaborações e discussões sobre pontos específicos, mas expor as principais características do calvinismo e

⁸ CHANTRY, Walter J. “Sort of” Reformed. *The Banner of Truth* (Novembro 2006), p. 29.

⁹ *Ibid.*, p. 30.

¹⁰ PHILLIPS, Richard D. Covenant confusion. Palestra proferida na Conferência de Teologia Reformada, em Filadélfia (Março-Abril 2004). Disponível em: www.fpcjackson.org/resources/apologetics. Acesso em: 1º nov. 2006.

¹¹ COPPES, Leonard J. *Are five points enough? Ten points of Calvinism*. Virginia: Reformational Educational Foundation, 1980, p. viii-x.

¹² Algo minucioso pode ser encontrado na vasta literatura sobre o assunto. Cf. McNEILL, John T. *The history and character of Calvinism*. Londres: Oxford University Press, 1973; MEETER, H. Henry. *The basic ideas of Calvinism*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1990; McKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1999; LEITH, John. *Introduction to the Reformed tradition*. Atlanta: John Knox Press, 1981; OSTERHAVEN, M. Eugene. *The spirit of the Reformed tradition*. Grand Rapids: Eerdmans, 1971; HAGOPIAN, David G. (org.). *Back to the basics: rediscovering the richness of the Reformed faith*. New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1996.





sugerir algumas obras literárias para um estudo mais aprofundado. Um esforço como este pode resultar em superficialidade, pois o assunto é tão vasto que uma abordagem geral certamente omitirá alguns tópicos. Contudo, uma análise do geral para o particular pode resultar no benefício de corrigir alguns estereótipos. O americano-holandês I. John Hesselink comenta que

quando se está muito perto de alguma coisa ou de alguém, há sempre a tendência de olhar apenas para as verrugas. Dessa forma a distância e o tempo podem resultar em uma perspectiva mais equilibrada.¹³

Ainda que alguns tópicos aqui discutidos mereçam análises particulares, o objetivo deste estudo será estabelecer o mapa geral para que se encontre, mais facilmente, o ponto específico a ser cuidadosamente investigado.

Este artigo está dividido em três seções básicas. Primeiro são analisados os aspectos históricos; depois, os princípios doutrinários e, por último, a perspectiva cultural da fé reformada. Ainda que limitados, esses tópicos parecem oferecer uma estrutura básica do sistema reformado.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Normalmente o teólogo reformado reivindicará o próprio período bíblico para a origem histórica de sua fé. A tendência de submeter a reflexão teológica à autoridade das Escrituras faz com que os reformados definam a essência de sua crença não como uma elaboração teológica diferente, mas como a própria expressão do ensino bíblico. Certamente era essa a razão pela qual Jonathan Edwards, o teólogo reformado mais influente do século 18, não se sentia confortável com o rótulo de “calvinista”, mas preferia ser conhecido como um cristão bíblico.¹⁴ Outros se uniram a ele defendendo que o calvinismo é a expressão plena e mais pura da fé cristã.¹⁵ O holandês Abraham Kuyper, em suas famosas palestras sobre o calvinismo, lembrou que “Calvino não foi o autor desse sistema, mas Deus”, e que, por essa razão, “o calvinismo nunca queimou seu incenso sobre o altar de gênios, não tem erguido monumentos a seus heróis e raramente os chama pelo nome”.¹⁶ Logo, aqueles que compartilham a fé reformada apelam, com frequência, às Escrituras como a fonte última de sua teologia.

¹³ HESSELINK, I. John. *On being Reformed*. Michigan: Servant Books, 1983, p. vii.

¹⁴ LEITH, John. Reformed theology. Em: McKIM, Donald K. (org.). *Encyclopedia of the Reformed faith*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 367. Cf. HANSEN, Young, *restless, Reformed*, p. 33.

¹⁵ WARFIELD, Benjamin B. *Calvin and Augustine*. Samuel Craig (org.). Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1956, p. 300; BOETTNER, Loraine. *The Reformed faith*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1983, p. 1.

¹⁶ HANSEN, Young, *restless, reformed*, p. 33.



A sistematização do pensamento reformado, contudo, remonta à Reforma Protestante do século 16. No início, o termo designava a igreja oriunda da Reforma e que se dispunha a estar constantemente se reformando à luz das Escrituras. Pode-se dizer que toda a teologia protestante era chamada “reformada”. Contudo, depois do Colóquio de Marburgo em 1529, onde as divergências eucarísticas e cristológicas entre Lutero e Zuínglio foram agravadas, o termo passou a ser aplicado à vertente protestante que divergia do luteranismo nesses assuntos.¹⁷ Dessa forma, os seguidores do segundo movimento de reforma protestante, desenvolvido na Suíça, mais precisamente nas cidades de Zurique e Genebra, respectivamente com Ulrico Zuínglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564), ficaram conhecidos como “reformados”. Embora Lutero continuasse sendo considerado “um bom guerreiro de Deus” por Zuínglio,¹⁸ e “um pai muito respeitável” por Calvino,¹⁹ algumas divergências entre os ensinamentos deles permaneceram intransponíveis.

O início oficial do movimento reformado tem sido geralmente ligado à liderança de Ulrico Zuínglio. Segundo Hodges, “em suas obras os contornos dos princípios reformados foram rascunhados, de forma prática e teológica, seguindo a estrutura agostiniana da graça”.²⁰ Juntamente com Zuínglio, outros teólogos da Suíça defenderam o mesmo sistema de doutrinas: na cidade de Basiléia, João Ecolampádio (1482-1531); como sucessor de Zuínglio em Zurique, Henrique Bullinger (1504-1574); em Estrasburgo, Martin Bucer (1491-1551).²¹ Todavia, foi com João Calvino, em Genebra, que a teologia reformada recebeu o formato mais sistemático pelo qual ela é conhecida.²² Assim como o luteranismo floresceu a partir das interpretações de Lutero na Alemanha, a fé reformada foi uma contribuição dos teólogos que labutavam na Suíça.

Os reformadores da Suíça eram mais radicais em sua ênfase na autoridade bíblica, procurando eliminar da igreja não apenas aquilo que a Bíblia condenava, mas também o que ela não prescrevia ou confirmava. Enquanto que no escolasticismo romano a tradição havia sido elevada praticamente a uma posição de igualdade com as Escrituras, Zuínglio e Calvino ressaltaram a autoridade

¹⁷ Tanto Lutero quanto Zuínglio concordavam que o pão da Ceia era um símbolo do corpo de Cristo. Todavia, para Lutero, aquilo que o pão significava estava presente “em, com e sob” o próprio símbolo (consubstanciação). Zuínglio e outros reformadores defenderam a presença real e espiritual de Cristo na Ceia, mas insistiram em que o símbolo e a coisa simbolizada estavam separados. Cf. OSTERHAVEN, M. Eugene. Apêndice. *The spirit of the Reformed faith*, p. 171-176; GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 144-158.

¹⁸ Ibid., p. 148.

¹⁹ Ibid., p. 166.

²⁰ HODGES, Louis Igou. *Reformed theology today*. Georgia: Brentwood Christian Press, 1995, p.10.

²¹ McNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 3-89.

²² MEETER, *The basic ideas of Calvinism*, p. 15.



primária e insuperável da Palavra. Conquanto valorizassem a interpretação de teólogos do passado, especialmente os Pais da Igreja, e dos primeiros Concílios Gerais, eles insistiam em que todas as decisões doutrinárias deveriam ser fundamentadas nas Escrituras, conforme foram escritas nas línguas originais.²³ Não havia qualquer intenção de se criar uma teologia nova ou distinta, mas de restaurar a centralidade das verdades bíblicas à vida cristã.

No início, os teólogos reformados eram, acima de tudo, pregadores e pastores, e as suas obras foram dirigidas à edificação da igreja. As principais obras desse período inicial foram publicadas antes mesmo da morte de João Calvino, em 1564. Dentre elas temos: *Sobre a Religião Verdadeira e a Falsa* (1525), de Ulrico Zuínglio; *Cinqüenta Sermões Piedosos e Doutos* (1549), de Henrique Bullinger; *Institutas da Religião Cristã*, de João Calvino, publicadas em várias edições (1536-1559), e *Assuntos Comuns*, de Pedro Mártir Vermigli, publicados posteriormente, em 1576. O ensino reformado daquele período também foi divulgado através de muitas confissões e catecismos, que eram de extrema utilidade na instrução pastoral do rebanho cristão.²⁴

A geração subsequente à de Zuínglio e Calvino foi marcada por intensos debates teológicos com os luteranos e com a nova apresentação da teologia católica romana elaborada pelo Concílio de Trento (1545-1563). Além do mais, dentro do próprio contexto reformado surgiram disputas doutrinárias sobre temas que os primeiros reformadores não haviam abordado com precisão. As polêmicas nesse sentido envolveram tópicos como a responsabilidade humana e a soberania de Deus, levantada pelos discípulos do holandês Jacobus Arminius, bem como uma intensificação do conflito sobre as posições infra e supralapsariana (se Deus, no momento da eleição, viu a humanidade apenas como criada ou já como caída em pecado). Na tentativa de responder satisfatoriamente a questões como estas, os reformados desenvolveram uma versão protestante do escolasticismo, preocupando-se com precisão de palavras, clareza nas definições, coerência e compreensibilidade em seu ensino.

O escolasticismo reformado foi especialmente representado pelo movimento puritano inglês e holandês do século 17. Uma das principais contribuições daquele período foi a apresentação da fé reformada sob a estrutura da teologia do pacto, que enfatiza a unidade das Escrituras, analisa os decretos de Deus ao longo da história da redenção e sustenta a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana.²⁵ Ao contrário do que alguns argumentam,

²³ Cf. McNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 75 e 128.

²⁴ Dentre essas temos: a *Confissão Francesa* (1559), a *Confissão Escocesa* (1560), a *Confissão Belga* (1561), o *Catecismo de Heildelberg* (1563), a *Segunda Confissão Helvética* (1566) e os *Trinta e Nove Artigos* da Igreja da Inglaterra (1562, 1571). Outras confissões seriam elaboradas em anos posteriores.

²⁵ Cf. MEISTER, Mauro F. Uma breve introdução ao estudo do pacto. *Fides Reformata* III:1 (Janeiro-Junho 1998), p. 110-123.



o escolasticismo reformado não contrariou os ensinamentos de Calvino, mas apenas desenvolveu alguns pontos embrionários nas obras do reformador.²⁶ Dentre os representantes do período escolástico podem-se contar Zacarias Ursinus (1534-1583), William Perkins (1558-1602), William Ames (1576-1633), James Ussher (1581-1656), Thomas Goodwin (1600-1680), Johannes Cocceius (1603-1669), John Owen (1616-1683) e Francis Turrentin (1623-1687). Os principais documentos desse período incluem os *Cânones do Sínodo de Dort* (1618), e a *Confissão de Fé* e os *Catecismos de Westminster* (1647). Embora alguns acadêmicos critiquem o preciosismo do escolasticismo reformado, outros apreciam as contribuições do mesmo e até teólogos de formação diferente, como Karl Barth e Paul Tillich, reconhecem o valor da produção teológica daquele período.²⁷

A influência da tradição reformada se estendeu por diversos países ao longo dos anos. Na França, os chamados huguenotes (reformados franceses) sofreram intensas perseguições até a expulsão da grande maioria a partir de 1685. Na Holanda, os reformados desenvolveram um trabalho teológico diligente e hábil a ponto de aquele país se tornar um centro influente do pensamento reformado no final do século 16 e durante todo o século 17. Na Alemanha, a despeito das dificuldades causadas pelo luteranismo, a tradição reformada se estabeleceu em Estrasburgo, graças ao trabalho árduo de Martin Bucer. Na Polônia, através de correspondências de Calvino com o rei Sigismundo, bem como do trabalho diligente de Jan Laski (1499-1560), a fé reformada adquiriu expansão. Na Boêmia, alguns discípulos de João Hus (os hussitas) abraçaram a fé reformada e constituíram igrejas firmes. Na Hungria, a despeito da aceitação maciça do luteranismo, a fé reformada também teve os seus representantes. A fé reformada ainda foi levada para a Grã-Bretanha mediante o retorno de exilados que estudaram em Genebra ou através da correspondência de alguns ingleses com João Calvino e Martin Bucer. Mais tarde, os colonizadores ingleses que foram para os Estados Unidos (naquela época uma colônia da Inglaterra) também levaram a teologia calvinista e assim aconteceu com muitos outros emigrantes.²⁸

O século 18 foi marcado pelas perspectivas deístas de Isaac Newton (1642-1727), que deixavam pouco espaço para a atuação divina, pelo empirismo de John Locke (1632-1704) e pelos reavivamentos religiosos ocorridos na Inglaterra e nas colônias do Novo Mundo (Estados Unidos). Nesse período,

²⁶ Cf. HALL, Basil. Calvin against the Calvinists. Em: DUFFIELD, G. E. (org.). *John Calvin*. Appleford: Sutton Courtenay Press, 1966, p. 19-37; KENDALL, R. T. *Calvin and English Calvinism to 1649*. Nova York: Oxford University Press, 1979.

²⁷ LEITH, Reformed theology, p. 367.

²⁸ Cf. McFETRIDGE, N. S. *Calvinism in history*. Canada: Still Waters Revival Books, 1989 (reimpressão); LEITH, John H. *A tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 35-62.



Jonathan Edwards, um pastor congregacional dotado de uma mente profundamente inquiridora, “considerado o maior teólogo e filósofo já produzido pelos Estados Unidos”²⁹ (embora naquela época fosse cidadão britânico), foi um dos maiores expoentes da teologia reformada. James I. Packer se refere a Edwards como “um puritano nascido fora do tempo”³⁰ e D. M. Lloyd-Jones afirmou que Edwards sempre lhe “pareceu ser o homem mais semelhante ao apóstolo Paulo”.³¹ O fato é que a influência de Edwards e a sua contribuição para a fé reformada permanecem até hoje, tendo sido recentemente descoberta por muitos jovens americanos.³²

O surgimento do Iluminismo e os desdobramentos culturais e intelectuais do século 19 trouxeram grandes desafios à igreja protestante, e a fé reformada não ficou isenta dos mesmos. As questões levantadas por esse contexto receberam três respostas básicas da igreja cristã. Em primeiro lugar, o liberalismo teológico, que buscou contextualizar a mensagem cristã ao pensamento da época. O problema com essa abordagem foi que ela resultou mais em acomodação do que em contextualização, o que resultou em um sincretismo que reduziu a fé cristã a algo que negava a própria essência do cristianismo.³³ Em segundo lugar, houve o fundamentalismo conservador, que no início procurou proteger a fé cristã sustentando a relevância de suas doutrinas essenciais. Mais tarde, porém, o movimento parece ter assumido uma vertente mais política, recusando-se, inclusive, a reconhecer a vitalidade intelectual do cristianismo e, de uma certa forma, a operação da graça comum de Deus que possibilita obras de valor e produção veraz na esfera dos descrentes.³⁴ Em terceiro lugar, houve a ênfase no evangelho social, que pretendia focalizar a maneira como os cristãos deveriam testemunhar a sua fé de forma prática e comprometida com os desafios sociais. O moto básico do evangelho social era que “as doutrinas dividem, mas o trabalho une”. Todavia, reduzir a fé cristã à atividade social provou ser tão perigoso quanto as duas alternativas anteriores.

Os teólogos reformados do século 19 pendiam para um lado e para outro em meio às três respostas comuns do cristianismo ao Iluminismo. Contudo, a despeito desses desafios, alguns teólogos parecem ter obtido êxito em

²⁹ MATOS, Alderi S. Jonathan Edwards: teólogo do coração e do intelecto. *Fides Reformata* III:1 (Janeiro-Junho 1998), p. 72-87.

³⁰ PACKER, J. I. *Entre gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1996, p. 336.

³¹ LLOYD-JONES, D. M. *Os puritanos: suas origens e seus sucessores*. São Paulo: PES, 1993, p. 360-361.

³² HANSEN, Young, *restless, reformed*, p. 33.

³³ Cf. MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Os Puritanos, 2001.

³⁴ Cf. MARSDEN, G. M. Fundamentalism. Em: FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F.; PACKER, J. I. (orgs.). *New dictionary of theology*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1988, p. 266-268.



compreender os pressupostos básicos da fé reformada e ensiná-la aos seus contemporâneos através de seus escritos. Dentre esses destacou-se o teólogo alemão Heinrich J. L. Heppe, que compilou as contribuições de vários teólogos reformados da tradição européia, o que resultou em uma obra influente naquele continente. Nos Estados Unidos, os escritos de Charles Hodge, Benjamim B. Warfield e James Henley Thornwell foram recebidos como livros-textos na maioria dos seminários de orientação reformada. Uma característica básica desses escritos é que eles não poderiam ser classificados como liberais, fundamentalistas ou representantes do evangelho social. Eles expressavam a tradição estabelecida pelo ensino reformado que remontava a Calvino e seus predecesores. No mesmo período, as contribuições do pregador batista inglês Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) se revelaram de fundamental importância para a manutenção da fé reformada. Os sermões de Spurgeon foram amplamente distribuídos em vários países, sendo fortemente calvinistas em seu conteúdo.

No início do século 20 a teologia reformada ainda cuidou em responder seriamente ao Iluminismo, mas ao mesmo tempo procurou reafirmar a fé cristã exposta nos credos e confissões do passado. Há muitos que consideram Karl Barth o principal representante da fé reformada nesse período,³⁵ mas tal conexão só pode ser estabelecida à luz da tradição denominacional a que ele pertencia. Barth poderia ser mais bem qualificado como um evangélico, pois embora os seus escritos focalizem a majestade de Deus e a importância das Escrituras, eles excluem qualquer possibilidade de uma revelação proposicional na Palavra de Deus e se concentram mais na experiência subjetiva do que na revelação objetiva do Altíssimo.³⁶ Dessa forma, o único método válido para a reflexão teológica, de acordo com Barth, é a *analogia fidei* em relação à verdadeira revelação, pois a Bíblia é meramente o registro da revelação de Deus ao seu povo e, embora contenha a Palavra de Deus, não pode ser considerada ela mesma como revelação escrita de Deus.³⁷ Os grandes temas da fé reformada, as doutrinas reafirmadoras da soberania divina e da total pecaminosidade da natureza humana, não são centrais nos escritos de Barth, que estava mais preocupado em resgatar os restos de um cristianismo esfacelado pelo liberalismo.

Em outros contextos, todavia, a fé reformada parece ter sido mais adequadamente representada. Homens como John Gresham Machen,³⁸ Cornelius

³⁵ LEITH, *Reformed theology*, p. 368; GOUVÊA, Ricardo Q. Barth no Brasil – até que enfim! *Ultimato* n. 283 (Julho-Agosto 2003) e Prefácio de BARTH, Karl. *Fé em busca de compreensão*. São Paulo: Novo Século. 2000, p. 7.

³⁶ Cf. FERREIRA, Franklin. Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia. *Fides Reformata*, vol. VIII-1 (Janeiro-Junho 2003), p. 29-62.

³⁷ Cf. MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 23-41.

³⁸ MACHEN, *Cristianismo e liberalismo*.



Van Til³⁹ e Francis Schaeffer esforçaram-se por preservar a tradição reformada, enquanto interagem com os novos desafios culturais ao seu redor. Uma das maneiras que eles encontraram para fazê-lo foi reafirmar o aspecto confessional da fé cristã, bem como a interpretação das Escrituras conforme registrada nos credos e confissões da igreja. Mesmo assim, apenas um número relativamente pequeno de indivíduos naquela época assumiu o título de reformado ou calvinista. Walter J. Chantry defende que o liberalismo teológico havia conseguido desacreditar a doutrina da Reforma em várias denominações históricas. O evangelicalismo da época parecia ter abraçado a máxima de que as questões doutrinárias apenas dividem.⁴⁰

A partir de meados do século 20, vários teólogos começaram, corajosamente, a reafirmar as verdades da fé reformada. Alguns batistas do sul dos Estados Unidos, após reexaminarem a sua herança doutrinária, passaram a atuar como fervorosos defensores da fé reformada e esse esforço atingiu inclusive o Brasil.⁴¹ Na Europa, foi fundado em 1957 o *Banner of Truth Trust*, inicialmente localizado em Londres, na Inglaterra, e depois transferido para Edimburgo, na Escócia, com o propósito de publicar e divulgar literatura reformada, especialmente os escritos dos reformadores e dos puritanos. Houve ainda a colaboração de várias instituições de ensino teológico, tanto presbiterianas, como batistas, anglicanas e outras, na manutenção e divulgação do ensino reformado. O fato é que, “ao longo de cerca de meio século de esforços, o número dos que se identificam com a fé reformada cresceu”.⁴²

Mais recentemente, parece estar ocorrendo um despertar da fé reformada em diversas partes do mundo. Esse avanço, todavia, não está isento de dificuldades. Como sempre, haverá oposição tanto de fora como de dentro dos próprios círculos reformados. Contudo, um dos desafios mais sérios no momento parece ser o de preservar o cerne da fé reformada a fim de que ela não seja corrompida em uma forma de hipercalvinismo ou neopuritanismo, nem seja diluída em ciência da religião, cujo objetivo é estudar o fenômeno religioso ao invés de refletir sobre a revelação de Deus. Certamente ainda há o risco de a fé reformada ser confundida com um mero tradicionalismo, o que seria negar a própria causa defendida pelos reformadores. A fim de se evitar tais erros, há que se conhecer as principais características doutrinárias da fé reformada.

³⁹ VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1967.

⁴⁰ CHANTRY, “Sort of” Reformed, p. 29.

⁴¹ Cf. SELPH, Robert B. *Os batistas e a doutrina da eleição*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1990.

⁴² CHANTRY, “Sort of” Reformed, p. 29.



2. PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS

Uma das áreas de grande confusão em relação à fé reformada é a doutrinária. Devido à abrangência e unidade desse sistema, muitos tendem a focalizar algumas características como representativas do todo. Isso pode ser observado na obra de Loraine Boettner, que identificou os cinco pontos soteriológicos do calvinismo como expressão de toda a fé reformada.⁴³ Semelhantemente, Felix B. Gear resumiu a fé reformada aos ensinamentos presbiterianos, inclusive o sistema de governo eclesiástico.⁴⁴ Em sua obra *On Being Reformed* [“Ser Reformado”], I. John Hesselink distingue doze erros comuns com respeito à teologia reformada, que incluem assuntos relacionados à forma de governo, questões litúrgicas, posições exageradamente negativas sobre o ser humano e muitas outras interpretações parciais.⁴⁵ Uma notável tentativa de se apresentar a perspectiva reformada sob uma ótica mais precisa pode ser encontrada no livreto *O que é a Fé Reformada?*⁴⁶

Talvez nenhuma confusão nesse sentido seja tão comum quanto aquela que limita a fé reformada à doutrina da predestinação. Ao contrário do que tem sido alegado por alguns, Calvino não foi o inventor dessa doutrina e suas contribuições pessoais à reflexão teológica não residem nesta área, mas em outros tópicos como a doutrina da Trindade, o triplo ofício de Cristo, a ética cristã e a doutrina do Espírito Santo.⁴⁷ No que diz respeito à predestinação, Calvino apenas deu continuidade aos ensinamentos de Paulo, Agostinho e Lutero. Na verdade, Lutero costumava descrever a predestinação como “aquela horrenda vontade oculta de Deus que, de acordo com o seu próprio conselho, ordena que as pessoas que ele deseja participem e recebam da sua misericórdia pregada e oferecida”.⁴⁸ A razão pela qual Calvino expôs cuidadosamente a doutrina da predestinação foi a sua perspectiva sobre a soberania de Deus, a qual ele extraiu das próprias Escrituras.⁴⁹ Como Philip E. Hughes afirmou corretamente, “mais do que qualquer outra doutrina das Escrituras, a doutrina da eleição garante a absoluta prioridade da graça de Deus. A própria eleição é a soberania de Deus em termos da graça”.⁵⁰

⁴³ BOETTNER, *The Reformed faith*.

⁴⁴ GEAR, Felix B. *Basic beliefs of the Reformed faith*. Virginia: John Knox Press, 1960.

⁴⁵ Cf. HESSELINK, *On being Reformed*.

⁴⁶ DE WITT, John Richard; JOHNSON, Terry L.; PORTELA, F. Solano. *O que é a fé reformada?* São Paulo: PES, 2001.

⁴⁷ Cf. WARFIELD, *Calvin and Augustine*, p. 481-487.

⁴⁸ LUTERO, Martinho. *The bondage of the will*. Londres: James Clarke, 1975, p. 169.

⁴⁹ Cf. OSTERHAVEN, *The spirit of the Reformed tradition*, p. 102; PACKER, J. I. *Evangelism and the sovereignty of God*. Chicago: InterVarsity, 1967, p. 10.

⁵⁰ HUGHES, Philip E. *But for the grace of God: divine initiative and human need*. Londres: Hodder and Stoughton, 1964, p. 87.



Mesmo em termos doutrinários o calvinismo é mais abrangente do que a doutrina da predestinação.

Permanece, contudo, a questão a respeito do cerne teológico da fé reformada. Antes de analisar alguns temas neste sentido, deve-se estabelecer claramente a distinção entre a teologia e o estudo religioso. Esta distinção é especialmente necessária nos dias atuais, quando muitos alimentam a concepção ingênua de que o estudo da religião e a teologia são a mesma coisa.⁵¹ Todavia, há uma profunda diferença entre essas duas áreas acadêmicas. Historicamente, o estudo das religiões tem sido classificado sob o domínio de ciências sociais como a antropologia, a sociologia, a fenomenologia e a psicologia.⁵² Assim, as investigações sobre o fenômeno religioso sempre estiveram alicerçadas no método científico de análise empírica das atividades humanas. O estudo das religiões, portanto, tem como alvo investigar o comportamento humano. A teologia, por sua vez, é o estudo de Deus, com base na revelação que ele fez de si mesmo, tanto de forma especial em Cristo e nas Escrituras, como de forma geral na criação e na história. Dessa forma, o estudo das religiões é antropocêntrico, enquanto que a teologia é teocêntrica. Ao longo dos anos a fé reformada tem sido reconhecidamente afirmada como uma teologia e não como um fenômeno religioso humano.

Ainda que compartilhando muitos temas doutrinários com as diversas expressões da fé cristã, a teologia reformada possui várias ênfases doutrinárias próprias que a distinguem de outras tradições. Devido ao propósito deste artigo, bem como ao espaço aqui permitido, essas características serão resumidas em torno de seis tópicos.

2.1 A majestade de Deus

Em primeiro lugar, a fé reformada é especialmente zelosa ao enfatizar a *majestade de Deus*. Após analisar diversas sugestões quanto ao princípio central do calvinismo, Henry H. Meeter conclui: “Podemos seguramente afirmar que o princípio fundamental [do calvinismo] é a doutrina de Deus”.⁵³ É verdade que todos os cristãos, de certa forma, sustentam a soberania de Deus, mas são os reformados que, de maneira especial, enfatizam a absoluta soberania da majestade de Deus. Hesselink explica essa verdade da seguinte forma:

Em contraste com o pelagianismo e o arminianismo, o calvinista afirma que a vontade humana não é livre e, portanto, o homem não toma a iniciativa em res-

⁵¹ Cf. KUYPER, Abraham. *Calvinism*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 51-68.

⁵² SPROUL, R. C. *Grace unknown: the heart of Reformed theology*. Grand Rapids: Baker Books, 1977, p. 10.

⁵³ MEETER, *The basic ideas of Calvinism*, p. 17. Cf. COPPES, *Are the five points enough?*, p. 15-21; DE WITT, JOHNSON e PORTELA, *O que é a fé reformada?*, p. 16-18.





ponder à redenção oferecida em Jesus Cristo. Além do mais, em contraste com certos tipos de evangelicalismo, o cristão reformado se concentra em Deus, e não em sua própria experiência. Não é *minha* conversão, *minha* fé, nem *minha* vida correta que contam em última análise. A bondade e a graça de *Deus*, bem como a vontade soberana de *Deus*, são a base de minha salvação.⁵⁴

Logo, a teologia reformada é, antes de tudo, teocêntrica, ao invés de antropocêntrica.

De acordo com a perspectiva reformada, se Deus não é soberano sobre a sua criação, tanto no que diz respeito ao governo quanto à redenção da mesma, então ele não é soberano de fato e, conseqüentemente, não é divino. Ao contrário do que alguns possam pensar, a soberania de Deus não indica apenas que ele é o supremo legislador, mas que é a fonte suprema no que diz respeito à verdade, às artes e à moral, à educação, à ministração de sua graça e a todas as outras áreas da existência. Como observou B. B. Warfield: “O calvinista é o homem que vê Deus por detrás de todo fenômeno, e em tudo que ocorre ele reconhece a mão de Deus operando a sua vontade”.⁵⁵ Todavia, essa ênfase na majestade de Deus de forma alguma obscurece o valor do ser humano. Embora alguns entendam que a teologia reformada tenha uma concepção muito negativa da humanidade, o fato é que a mesma possui uma perspectiva tão nobre acerca do ser humano quanto as Escrituras permitem. A essência do valor da pessoa humana encontra-se naquilo que Deus atribuiu a ela, criando-a à sua imagem e enviando o seu Filho para redimi-la por meio do seu sacrifício. Contudo, a dignidade humana não é inerente, mas dependente da grandeza e majestade de Deus.

O aspecto mais importante da fé reformada é sua doutrina sobre Deus. Warfield costumava dizer: “É a visão de Deus e de sua majestade... que jaz no fundamento da plenitude do pensamento calvinista”.⁵⁶ A verdade é que o modo como se entende a natureza e o caráter de Deus influencia a perspectiva que se tem sobre o próprio ser humano, sobre a obra de Cristo, sobre a natureza da salvação e uma miríade de considerações teológicas, pois cada doutrina está conectada à outra. A teologia reformada aplica a doutrina da majestade de Deus integralmente a todas as outras doutrinas, tornando-a o seu princípio fundamental.

2.2 A autoridade das Escrituras

Em segundo lugar, a fé reformada é *centrada na autoridade das Escrituras*. A convicção de que Deus tem se revelado nas Escrituras e que tal revelação é

⁵⁴ HESSELINK, *On being Reformed*, p. 94.

⁵⁵ WARFIELD, B. B. *Calvin as a theologian and Calvinism today*. Filadélfia: Presbyterian Board of Publication, 1909, p. 23-24.

⁵⁶ WARFIELD, *Calvin and Augustine*, p. 491.





a autoridade máxima para a igreja em matéria de doutrina, governo e vida é geralmente conhecida como o “princípio formal” da Reforma Protestante, pois, segundo o mesmo, as Escrituras determinam o conteúdo de todas as doutrinas.⁵⁷ Elas são a fonte última do conhecimento sobre Deus e sobre a sua criação. Embora defendido por todos os protestantes, esse preceito é especialmente enfatizado pelos reformados.

A fé reformada é especialmente comprometida com as Escrituras, enfatizando a sua inspiração, autoridade e suficiência.⁵⁸ Uma vez que a Bíblia é a Palavra de Deus, ela possui a própria autoridade divina. Esta convicção sobre a autoridade das Escrituras não depende da argumentação humana, mas da operação interna do Espírito Santo que testifica sobre a veracidade da Palavra no coração do crente.⁵⁹ Neste sentido, Calvino insistia:

A credibilidade de uma doutrina não é estabelecida até que sejamos persuadidos, acima de qualquer dúvida, de que Deus é o seu autor. Assim, a maior prova das Escrituras é derivada, em geral, pelo fato de que Deus em pessoa é quem nela fala.⁶⁰

Contudo, o fato de a teologia reformada ser tão enfática quanto à importância das Escrituras não significa que ela dê à mesma o lugar devido a Deus, pois isto seria “bibliolatria”. O único objeto de adoração cristã é o Deus trino; as Escrituras são a sua revelação escrita para o seu povo. Dessa forma, a tradição reformada tem resistido a qualquer tentativa de divorciar Cristo de sua Palavra, pois entende que, “assim como a consideração abstrata da doutrina conduz ao racionalismo e à ordotoxia morta, a devoção à pessoa de Cristo [sem as Escrituras] resulta em misticismo”.⁶¹ A fé reformada defende claramente a convicção de que Cristo opera pela Palavra e nunca de modo contrário ao que nela está escrito.

A autoridade das Escrituras implica na suficiência da mesma. Assim,

⁵⁷ Ele é conhecido como “formal” por ser formativo, ou seja, determinativo para o conteúdo doutrinário da igreja. O princípio material é o da justificação pela fé (*sola gratia e sola fide*).

⁵⁸ Cf. WARFIELD, B. B. *The inspiration and authority of the Bible*. Samuel G. Craig (org.). Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1948; DE WITT, JOHNSON e PORTELA, *O que é a fé reformada?*, p. 11-16.

⁵⁹ CALVINO, João. *Institutes of the Christian religion*. John T. McNeill (org.). Filadélfia: Westminster, 1960, I.vii.4-5. Cf. *Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã. 1994, I.v: “... contudo, a nossa autoridade provém da operação interna do Espírito Santo que, pela Palavra e com a Palavra, testifica em nossos corações”.

⁶⁰ CALVINO, *Institutes*, I.vii.4.

⁶¹ BONAR, Horatius. *Catechism of the Scottish reformation*. Londres: James Nisbet, 1866, p. xiv-xv.





todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela.⁶²

Logo, o povo de Deus não precisa de revelação complementar nem circunstancial, pois a Palavra de Deus é sempre relevante e apta para instruir e habilitar o crente para toda boa obra (2Tm 3.15). Além do mais, a tradição reformada defende a doutrina da clareza das Escrituras, ou seja, que ainda que na Escritura não sejam todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos, contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem da Escritura, são tão claramente expostas e aplicadas que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.⁶³ Logo, reconhece-se a necessidade da iluminação espiritual e do uso próprio da hermenêutica e exegese da Palavra de Deus, mas rejeita-se qualquer noção mística de que algo adicional poderá ser dado pelo Espírito à parte ou em contraste com a sua Palavra.

Uma das principais contribuições de João Calvino para a reflexão teológica foi sua ênfase sobre a forma como a revelação objetiva e escrita na Palavra opera em conjunto com o ministério interno e sobrenatural do Espírito Santo. Sem a iluminação do Espírito, a Bíblia permanece um livro fechado. Contudo, a suposta direção do Espírito sem a Palavra conduz a excessos e erros grosseiros. Embora um dos maiores legados da Reforma Protestante tenha sido o princípio da interpretação individual das Escrituras, isso não equivale a dizer que a mesma possa ser interpretada arbitrariamente. Algumas normas e princípios de interpretação devem ser cuidadosamente aplicados a essa tarefa e a tradição reformada tem sustentado que a “regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura”,⁶⁴ ou seja, os textos obscuros devem ser interpretados à luz dos textos mais claros. Nesse sentido, alguns estudiosos observam que Calvino sempre procurou evitar especulações filosóficas com respeito às Escrituras. Ao contrário, ele era corajoso em divulgar aquilo que era claramente ensinado nas Escrituras e pronto a silenciar naqueles assuntos em que ela se calava.⁶⁵

Como consequência de suas convicções sobre a Palavra de Deus, a tradição reformada tem insistido na estrutura factual do seu conteúdo.⁶⁶ Segundo esse princípio, a história da redenção é revelada progressivamente através da

⁶² *Confissão de Fé de Westminster*, I.vi.

⁶³ *Ibid.*, I.vii.

⁶⁴ *Ibid.*, I.ix.

⁶⁵ KLOOSTER, Fred H. The uniqueness of Reformed theology: a preliminary attempt at definition. *Calvin Theological Seminary Journal* 14 (Abril-Novembro 1979), p. 38-43.

⁶⁶ JONES III, Douglas M. Back to the covenant. Em: HAGOPIAN, *Back to the basics*, p. 67-140.





execução do pacto de Deus com o homem ao longo da história. O relacionamento do homem com Deus está fundamentado em um pacto. A condição humana é de culpa e condenação por causa do pacto com Adão e de salvação e adoção com base no pacto com Cristo. Dessa forma, a tradição calvinista sempre manteve o princípio da unidade da Escritura, aplicando a doutrina do pacto à interpretação da relação entre as obras e a graça. Assim, ao invés de interpretar a história da redenção como uma série de dispensações, os reformados a interpretam como uma unidade pactual.

2.3 A condição espiritual do ser humano

Em terceiro lugar, a fé reformada mantém uma *perspectiva realista da condição espiritual do ser humano*. A teologia reformada tem sido frequentemente criticada por sua perspectiva sobre a pecaminosidade do ser humano.⁶⁷ Todavia, essa perspectiva não é fruto do capricho silogístico de alguns, mas do próprio ensino da Bíblia. Segundo a Escritura, a condição pecaminosa do ser humano faz com que ele seja completamente incapaz de regenerar ou salvar a si mesmo. Ao contrário de algumas tradições religiosas que ensinam que o homem pode merecer a sua salvação mediante os bons esforços que realiza, a Bíblia apresenta o ser humano como alguém “morto nos seus delitos e pecados” (Ef 2.1). Assim, a condição espiritual do ser humano não é a de um enfermo, mas de um defunto (geralmente se fala sobre o homem como um moribundo, mas de fato ele já está morto!).

Nenhuma outra tradição teológica aborda o pecado com a mesma seriedade que a fé reformada. Contudo, os calvinistas procuram apenas expor a apresentação que a Bíblia faz da condição espiritual do ser humano, ou seja, ainda que o ser humano tenha sido criado à imagem de Deus e, portanto, revestido de dignidade e glória, a sua rebelião contra Deus o condenou à morte espiritual e, dessa forma, ele está desprovido da glória de Deus (Rm 3.23). Além do mais, a Bíblia ensina que o pecado de Adão teve efeito direto sobre toda a sua descendência, pois a culpa de Adão foi imputada a todos os que ele representava (Rm 5.12 e 1Co 15.21-22). A compreensão dessa representatividade jurídica de Adão é essencial para se compreender como os benefícios da morte de Cristo são imputados àqueles que ele representa (cf. Rm 5.15-21). Qualquer que nega o princípio da representação, conseqüentemente rejeita os benefícios da imputação.⁶⁸

Devido à condição espiritual do homem, o calvinismo refere-se a ele como totalmente depravado. Contudo, o termo assusta e é prontamente rejeitado por

⁶⁷ Cf. JOHNSON, Terry. *A doutrina da graça na vida prática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 13.

⁶⁸ GIRARDEAU, John L. *Calvinism and evangelical Arminianism: compared as to election, reprobation, justification, and related doctrines*. Virginia: Sprinkle Publications, 1984 (reimpressão), p. 224-225 e 230-239; MURRAY, John. *The imputation of Adam's sin*. New Jersey: Presbyterian and Reformed, 1959 (reimpressão).





aqueles que são influenciados pelas perspectivas humanistas. Logo, o conceito carece de explicações. Ao referir-se ao homem como totalmente depravado a fé reformada não o define como alguém que está no limite máximo de sua depravação ou que seja plenamente corrupto em todos os aspectos. O fato é que o homem caído ainda pode piorar muito em sua vida diária. Também, ao usar este conceito a teologia reformada não ignora que o ser humano é capaz de praticar o bem social, pois ele pode melhorar as condições de vida de muitos ao seu redor (cf. Rm 2:14 e Lc 6:33). Contudo, ao se referir ao ser humano como depravado, o calvinismo insiste, pela Escritura, que esse homem encontra-se em uma condição de total rebelião contra Deus e que, à parte da graça de Deus, ele não tem nenhum prazer ou deleite nas coisas divinas. A religião do homem sem Deus é centrada em si mesmo, pois ele adora a si próprio (Rm 3.10,18; Jo 3.20-21). Nesse estado de rebelião, todos os atos do ser humano (mesmo os mais nobres) são pecaminosos, pois a sua motivação não é a glória de Deus (cf. Rm 14.23; Is 64.6; 1Co 12.3). O coração do homem está endurecido sem Deus e este mesmo coração é uma fábrica de ídolos, gerando os seus próprios “deuses” para abafar a sua consciência e trazer alguma esperança em sua jornada longe de Deus.⁶⁹ Nesse estado, o ser humano é totalmente merecedor da condenação divina e por isto a Bíblia o chama de “filho da ira” (Ef 2.3).

Segundo as Escrituras, o pecado afetou o ser humano de forma integral. Com a entrada da morte no universo, o pecado trouxe conseqüências para o corpo humano. O pecado também afetou os atos do homem, pois ele encontra-se incapacitado de praticar o bem espiritual. Além do mais, a mente humana foi afetada por ele, pois o pecado produziu nulidade no raciocínio, corrupção na consciência e obscuridade no conhecimento (cf. Rm 1.21-22; Tt 1.15; Ef 4.18; 2Co 3.14). Por último, o pecado afetou os sentimentos e a vontade humana (cf. Jr 17.17; Tg 1.14-15; Jo 3.19). À luz das Escrituras ainda se pode afirmar que os relacionamentos do homem com Deus, com o próximo e com a própria natureza ao seu redor sofreram o dano do pecado (cf. Gênesis 3). Dessa forma, a condição espiritual do homem sem Deus é de desespero e extrema carência, pois cada faculdade da vida humana recebeu os efeitos da queda.

2.4 A suficiência da obra de Cristo

Em quarto lugar, a teologia reformada sustenta a *suficiência da obra redentora de Cristo*.⁷⁰ Uma vez que o propósito redentivo de Deus atinge o seu clímax na pessoa e na obra de Cristo, a fé reformada tem sido consistente em ressaltar a cristologia bíblica. Além de bíblica, a cristologia reformada também

⁶⁹ CALVINO, *Institutes*, I.v.12.

⁷⁰ JOHNSON, Terry. Por que a fé reformada? Em: DE WITT, JOHNSON e PORTELA, *O que é a fé reformada?*, p. 46-48.





se encontra enraizada nas grandes decisões conciliares da igreja antiga: Nicéia (325), Constantinopla (381) e Calcedônia (451). Contudo, a perspectiva reformada se distingue de outras tradições cristãs em seu zelo por apresentar a obra redentora de Cristo em termos do triplo ofício do Mediador, ou seja, profeta, sacerdote e rei. Uma vez que o pecador encontra-se em um estado de rebeldia e inimizade contra Deus e sua condição é de morte espiritual, ele necessita de um Mediador para reconciliar Deus com ele. Cristo, então, é o Mediador entre Deus e o homem. Um resumo desta verdade é apresentado em uma das confissões calvinistas nos seguintes termos:

Aprouve a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Rei, Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do mundo; e deu-lhe, desde toda a eternidade, um povo para ser sua semente, e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e gloriificado.⁷¹

Dessa forma, os três ofícios mediatórios do Antigo Testamento tiveram o seu cumprimento na pessoa e na obra do Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 2.5; Hb 8.6; 9.15; 12.24).

Os ofícios de profeta, sacerdote e rei no Antigo Testamento eram de caráter mediatório. O profeta representava Deus, falando ao povo em nome de Deus, mediando a revelação divina ao povo. O sacerdote representava o povo diante de Deus, falando a Deus em favor do povo. O ofício real também tinha caráter mediatório, pois o rei não era o soberano último, mas apenas representava o governo de Deus sobre o seu povo. No entanto, nenhum daqueles mediadores da antiga aliança promoveu a reconciliação final. Todavia, em Cristo cada um daqueles ofícios atinge o apogeu, pois ele excede qualquer profeta, sacerdote ou rei que o tenha antecedido. Ele é o Ungido de Deus para os três ofícios. Ele é tanto o sujeito quanto o objeto da profecia bíblica. Ele é a exata expressão do Ser Divino (Hb 1.1-3). Ao mesmo tempo, ele é tanto o sacerdote quanto o sacrifício, o ofertante e a oferta em prol do seu povo (Hb 5.1-10.18). Finalmente, ele é aquele que reina para todo o sempre e sobre todas as coisas e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o Pai o deu à igreja (Ef 1.22-23). Assim, a tarefa da igreja é tornar visível o reinado invisível de Cristo. Conclui-se, portanto, que o perfeito Mediador realizou uma obra redentora perfeita e suficiente para salvar todos os que se chegam a ele (Hb 7.25).

A consequência da obra perfeita de Cristo em seu triplo ofício é a certeza da salvação do seu povo. A ressurreição de Cristo foi um prova concreta de que o Pai aceitou, de forma plena e absoluta, o pagamento da dívida daqueles por quem ele morreu, pois “Cristo não entrou em santuário feito por mãos,

⁷¹ *Confissão de Fé de Westminster*, VIII.i.





figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Hb 9.24). Após a sua morte, nenhuma dívida permanece para ser paga por seus discípulos. Conseqüentemente, essa verdade desmantela a superstição católico-romana do purgatório, pois se o sacrifício de Cristo foi suficiente, não há necessidade de que a pessoa vá para um local indeterminado após a sua morte para pagar o restante de sua dívida com Deus. Além do mais, essa doutrina resgata o verdadeiro valor das boas obras na vida do cristão. Os reformados não pregam nenhuma forma de licenciosidade ou libertinagem, mas ensinam que as boas obras devem ser praticadas como expressão da gratidão cristã pela salvação obtida em Cristo Jesus.⁷² Assim, esse ensino não destrói a importância das boas obras, mas as coloca no devido lugar, ou seja, na posição em que a Bíblia as classifica.

2.5 A soberania de Deus na salvação

Em quinto lugar, a tradição reformada defende o *ensino bíblico da soberania de Deus na salvação do pecador*. Talvez o assunto mais contestado da fé reformada seja a sua posição sobre a doutrina da salvação. Os cinco pontos do calvinismo, representados pelo acróstico TULIP, são, para alguns, apenas uma formulação silogista e bíblicamente inconsistente.⁷³ Para outros, todavia, eles representam a essência da fé reformada.⁷⁴ O fato é que essa apresentação resumida (cujo acróstico só faz sentido na língua inglesa) é apenas um resumo da soteriologia encontrada nas Escrituras. Esses cinco pontos afirmados pelo Sínodo de Dort, como resposta ao protesto dos arminianos,⁷⁵ simplesmente exprimem a verdade bíblica de que “ao Senhor pertence a salvação” (Jn 2.9). Em outras palavras, os calvinistas procuram sustentar a verdade bíblica de que a salvação do homem, morto em seus delitos e pecados, é obra da soberana graça de Deus do início ao fim. Devido à realidade da condição espiritual do homem, sua salvação é totalmente dependente da iniciativa soberana e livre de Deus, “pois não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9.16).

A Bíblia, na perspectiva reformada, apresenta a salvação do pecador tendo início na decisão soberana de Deus em escolher alguns para a redenção desde

⁷² *Catecismo de Heidelberg*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, perguntas e respostas 86 e 87.

⁷³ Cf. HESSELINK, *On being Reformed*, p. 31-38.

⁷⁴ BOETTNER, *The Reformed faith*.

⁷⁵ Cf. SPENCER, Duane E. *Tulip: os cinco pontos do calvinismo à luz das Escrituras*. São Paulo: Edições Parakletos, 2000; PALMER, Edwin. *The five points of Calvinism*. Grand Rapids: Baker, 1980; Cf. DE WITT, John R. O Sínodo de Dort. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/calvinismo/dort_witt.htm. Acesso em: 13 nov. 2006; STEELE, David e THOMAS, Curtis C. *The five points of Calvinism – defined, defended, documented*. Trad. João Alves do Santos. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/calvinismo/oscincopontos.htm>. Acesso em: 13 nov. 2006.





a eternidade. Como corretamente expressa Hodges, “passagens como Atos 13.48, Romanos 8.28-39 e Efésios 1.3-14 tornam impossível, para qualquer um que sustenta a autoridade das Escrituras, ignorar a doutrina da eleição”.⁷⁶ Diante dessa impossibilidade, algumas tradições teológicas reinterpretem essa doutrina bíblica afirmando que a eleição é baseada na presciência divina sobre a fé e o arrependimento do indivíduo, tornando assim a salvação totalmente dependente da vontade humana e reduzindo a escolha soberana de Deus a uma condição supérflua.⁷⁷ A perspectiva calvinista, porém, não nega a importância da fé e do arrependimento, mas sustenta que ambos são frutos da eleição, pois esta precede aqueles. Além do mais, a Bíblia apresenta a fé como “dom de Deus” (Ef 2.8) e o arrependimento como sendo resultado direto da bondade de Deus (Rm 2.4). Logo, Deus é quem toma a iniciativa de se relacionar com um povo específico através de um pacto eterno em Cristo Jesus. Quando corretamente compreendida, esta verdade produz humildade genuína (1Co 1.26-29), adoração verdadeira (Ef 1.3-6) e motivação à santidade (2Ts 2.13-14), pois o pecador se conscientiza de que a sua redenção é obra da livre graça de Deus, que o amou a despeito de sua pecaminosidade.

Sendo a salvação um ato da soberana graça de Deus, o pecador pode regozijar-se na certeza de que ela é uma realidade segura nos céus. O próprio redimido é unido a Cristo e “em Cristo” Deus o vê, o aceita e o abençoa (cf. Rm 8.1-2; 1Co 1.4-5, 30; etc.). A fonte da perseverança do cristão é a própria fidelidade e perseverança de Deus. Logo, a certeza da salvação

não é uma simples persuasão conjectural e provável, fundada numa esperança falha, mas uma segurança infalível da fé, fundada na divina verdade das promessas de salvação, na evidência interna daquelas graças nas quais essas promessas são feitas, no testemunho do Espírito de adoção que testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.⁷⁸

Longe de ser um incentivo ao pecado e à licenciosidade, essa convicção deve conduzir o cristão à busca diária de um viver santo e reto na presença de Deus e dos homens, pois

é dever de cada um ser diligente em tornar certa sua vocação e eleição, a fim de que, por esse modo, seja o seu coração, no Espírito Santo, dilatado em paz e deleite, em amor e gratidão para com Deus, no vigor e alegria, nos deveres da obediência, que são os frutos próprios dessa segurança.⁷⁹

⁷⁶ HODGES, *Reformed theology today*, p. 81.

⁷⁷ Cf. WILEY, H. Orton. *Christian theology*. Vol. 1. Kansas City: Beacon Hill Press, 1940, p. 356-360.

⁷⁸ *Confissão de Fé de Westminster*, XVIII.ii.

⁷⁹ *Ibid.*, XVIII.iii.



2.6 A centralidade da pregação nas missões

Em sexto lugar, a fé reformada defende a *centralidade da proclamação da Palavra como o meio estabelecido por Deus para o desempenho da atividade missionária da igreja*. O fato de o calvinismo enfatizar a doutrina da predestinação, da expiação limitada e da soberania de Deus na salvação cria, em alguns, a suspeição de que esta teologia é contrária ao esforço missionário.⁸⁰ Nada, porém, poderia estar mais distante da verdade, pois a história do avanço missionário confirma que os calvinistas sempre estiveram envolvidos nessa atividade. Além do mais, Calvino esteve pessoalmente comprometido com essa tarefa, participando do envio de missionários a várias nações, inclusive o Brasil,⁸¹ e defendendo que “devemos desejar diariamente que Deus reúna igrejas para si mesmo de todas as partes da terra; que ele as espalhe e as aumente em número; que ele as adorne com dons; que ele estabeleça correta ordem entre elas”.⁸² O fato é que, convencido pela Palavra, o reformado é levado a enfatizar o *modus operandi* da salvação conforme encontrado em Romanos 10, ou seja, a fé e a confissão necessárias para a salvação (v. 9-11) são resultados diretos da pregação daqueles que foram enviados pela igreja (v. 14-16). A máxima neste caso é: “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (v. 17).⁸³ Logo, a fé reformada entende que, por melhores que possam parecer, métodos e estratégias evangelísticas não substituem a eficácia da Palavra de Deus. Além do mais, qualquer método e programa evangelístico usado pela igreja deve proceder da correta interpretação da Escritura.

Evangelizar, na perspectiva calvinista, pode ser definido como

apresentar Cristo, no poder do Espírito, de tal maneira que os homens coloquem a sua confiança em Deus por meio de Cristo, o aceitem como o seu salvador e o sirvam como rei na comunhão de sua igreja.⁸⁴

Contudo, para que isso seja uma realidade, o pregador deve zelar por pregar todo o conselho de Deus. Nessa perspectiva, o Deus trino deve ser apresentado como o autor e a fonte máxima das missões (*missio Dei*); o conteúdo da evangelização é a própria obra de Cristo (as boas-novas) e o propósito é a glória do soberano

⁸⁰ WARNECK, Gustav. *Outline of a history of Protestant missions*. Nova York: Fleming H. Revell, 1901, p. 9; HOGG, William R. *The rise of the Protestant missionary concern, 1517-1914*. Em: ANDERSON, G. H. (org.). *The theology of the Christian mission*. Nova York: McGraw Hill, 1961, p. 95.

⁸¹ Cf. SCHALKWIJK, Frans Leonard. O Brasil na correspondência de Calvino. *Fides Reformata* 9/1 (2004), p. 101-128; BARRO, Antônio Carlos. A consciência missionária de João Calvino. *Fides Reformata* 3/1 (1998), p. 38-49.

⁸² CALVINO, *Institutes*, II.xx.42.

⁸³ *Confissão de Fé de Westminster*, XIV.i.

⁸⁴ PACKER, *Evangelism and the sovereignty of God*, p. 38.



Senhor e o avanço do seu reino. Em sua clássica apresentação do evangelho, Joseph Alleine afirma corajosamente: “Deus não encontra nada no homem para comover o seu coração, mas encontra o suficiente para nausear o seu estômago”; ao mesmo tempo ele apela ao seus leitores: “Refugiem-se em Cristo, a fim de obterem a graça perdoada e renovadora. Entreguem-se a ele, para andarem com ele em santidade; caso contrário, jamais verão a Deus”.⁸⁵ A firmeza de Alleine é um bom exemplo do anúncio evangelístico pela tradição reformada.

A mensagem evangelística, na perspectiva reformada, é sempre sobre Deus – o anúncio de quem ele é e de suas exigências para que o pecador desfrute de comunhão com ele. Além do mais, essa mensagem esclarece o ensino bíblico sobre o pecado e os seus efeitos devastadores sobre a vida humana, pois o ser humano precisa estar consciente dos mesmos a fim de perder as falsas esperanças de redenção à parte de Deus. Outro elemento dessa mensagem é a apresentação do próprio Cristo, o único e suficiente salvador.⁸⁶ Por fim, essa mensagem conclama o pecador à fé em Cristo e ao arrependimento para a vida eterna. Não é suficiente falar sobre fé sem arrependimento, pois a mensagem do evangelho aborda a ambos. A verdadeira fé inclui o arrependimento piedoso e é interessante observar como o arrependimento é enfatizado nas Escrituras (cf. At 2.38; 3.19; 5.31; 17.30; 2Tm 2.25). A tarefa do cristão no evangelismo é reproduzir tão claramente quanto possível a mensagem do evangelho.

No que diz respeito à perspectiva reformada sobre missões, deve-se ainda esclarecer que a fé reformada insiste na proclamação universal do evangelho. Nesse sentido, a evangelização não é apenas uma tarefa para todos os cristãos, mas também uma mensagem a ser proclamada para todos os povos, sem distinção. Um dos artigos do Sínodo de Dort enfatiza:

Existe a promessa do evangelho de que todo aquele que crê no Cristo crucificado não se perderá, mas terá a vida eterna; promessa essa que, sem distinção, deve ser anunciada e proclamada conclamando à salvação de todos os povos e pessoas a quem Deus, em seu beneplácito, envia o seu evangelho.⁸⁷

Semelhantemente, os teólogos de Westminster concluíram que o Senhor

livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação através de Jesus Cristo, exigindo deles a fé, para que sejam salvos, e prometendo o seu Santo Espírito a todos os que estão ordenados para a vida, a fim de dispô-los e habilitá-los a crer.⁸⁸

Esta oferta é graciosa, particular e real. Quando os calvinistas admitem as dificuldades em harmonizar a doutrina do sacrifício limitado de Cristo e a

⁸⁵ ALLEINE, Joseph. *Um guia seguro para o céu*. São Paulo: PES, 1987, p. 22 e 20.

⁸⁶ KUIPER, R. B. *Evangelização teocêntrica*. São Paulo: PES, 1976.

⁸⁷ *Los Cánones de Dort*. Países Baixos: FELIRE, 1982, II.v.

⁸⁸ *Confissão de Fé de Westminster*, VII.iii.



graciosa oferta do evangelho, eles não estão alegando incoerência nas Escrituras, mas apenas reconhecendo as limitações do entendimento humano. Como corretamente expressou John Murray, a doutrina da eleição não anula a oferta universal do evangelho.⁸⁹

Finalmente, os motivos para a evangelização, segundo a interpretação reformada, são basicamente três. Em primeiro, o amor a Deus e o zelo pela sua glória. Os calvinistas entendem que a pregação do evangelho anuncia a glória de Deus a outras pessoas, capacitando-as a adorar a Deus e a cumprir o propósito último de sua existência, ou seja, glorificar a Deus e desfrutá-lo eternamente. Em segundo lugar, a obediência ao mandamento de Cristo e ao seu desejo de que todos ouçam a mensagem do evangelho (cf. Mt 28.18-20). Em terceiro lugar, há o amor pelo próximo, o qual surge de um coração renovado e grato a Deus. Esse amor inclui o desejo de que outros sejam alcançados pela mensagem poderosa do evangelho, que transforma e salva vidas.⁹⁰

Ao se concluir esta seção doutrinária percebe-se que a tradição reformada é orientada teologicamente. Como afirmou o historiador alemão Karl Holl, “os calvinistas sabem não somente em que eles crêm, mas também por que eles crêm”.⁹¹ Contudo, o propósito do interesse calvinista pela doutrina não é apenas especulativo, mas acima de tudo prático, pois segundo essa tradição o amor pela verdade motiva a santidade.

3. PERSPECTIVA CULTURAL

Certamente a prática da fé cristã não pode ser desassociada do ambiente cultural no qual os cristãos estão inseridos. Semelhantemente, a comunicação do evangelho não ocorre sem se considerar a cultura humana de onde ela procede ou à qual ela se destina.⁹² Dessa forma, o relacionamento entre o cristianismo e a cultura sempre foi objeto de estudo e debate na tradição reformada.⁹³ De forma geral, porém, os calvinistas têm insistido que as bases para

⁸⁹ MURRAY, John. *Collected writings of John Murray*. Pennsylvania: Banner of Truth. Vol. 1, 1976, p. 132.

⁹⁰ PACKER, *Evangelism and the sovereignty of God*, p. 75-82.

⁹¹ Apud HESSELINK, *On being Reformed*, p. 106.

⁹² Lausanne Committee for World Evangelization. *The Willowbank Report: gospel and culture*. Lausanne Occasional Papers, 1978, p. 5.

⁹³ Cf. WARFIELD, B. B. *Christianity and our times*. Disponível em: <http://homepage.mac.com/shanerosenthal/reformationink/bbwourtimes.htm>. Acesso em: 13 nov. 2006; FRAME, John M. *Christianity and culture*. Disponível em: http://thirdmill.org/files/english/hall_of_frame/Frame.Apologetics2004.ChristandCulture.pdf. Acesso em: 14 nov. 2006; JONES, Peter. *The Gnostic empire strikes back*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1992; MACHEN, John G. *Christianity and culture*. Disponível em: www.marshillaudio.org/pdf/documents/ChristianityCulture.asp. Acesso em: 13 nov. 2006; SCHAEFFER, F. A. *Manifesto cristão*. Brasília: Refúgio Editora, 1985, e *Morte na cidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003; VAN TIL, Henry R. *The Calvinistic concept of culture*. Grand Rapids: Baker, 2001.



tal relacionamento devem estar ancoradas sobre princípios bíblicos, sobre uma referência histórica coerente e sobre alguns aspectos da consistência lógica e da prudência cristã.

Devido à complexidade do conceito,⁹⁴ deve-se evitar qualquer confusão entre criação e cultura. Criação é aquilo que Deus fez, cultura é aquilo que ele ordenou que os seres humanos fizessem. Dessa forma, a distinção entre as obras do Criador e da criatura é especialmente enfatizada pela teologia reformada.⁹⁵ O sol, a lua, as estrelas e os próprios seres humanos são criaturas de Deus, obras de suas mãos. Os costumes, usos, linguagem, sistemas de idéias e outras contribuições dessa natureza são produtos do esforço humano em obediência à ordem divina. Logo, o interesse da teologia reformada pela cultura está intimamente conectado à sua perspectiva do mandato cultural, ou seja, a ordenança divina para que o ser humano exercite o governo sobre o cosmos em submissão à vontade de Deus (Gn 1.28).⁹⁶ Esse mandato define o objetivo da vida humana sobre a face da terra, ou seja, fazer tudo em obediência a Deus. Ainda é significativo observar que, mesmo que a presença do pecado no mundo tenha dificultado o seu cumprimento (pois o homem passou a ser desobediente ao Criador), o mandato cultural não foi ab-rogado com a queda, pois Deus o reafirmou no tempo de Noé (Gn 9.7). Dessa forma, a fé reformada manifesta um zelo especial no sentido de que o padrão cultural que mantém as pessoas unidas e integradas seja exercido sob a direção divina.

Além do mais, qualquer estudo cuidadoso da teologia reformada logo perceberá que essa perspectiva é mais do que um ramo teológico: ela é, de fato, um sistema abrangente de vida, uma cosmovisão. A reflexão teológica é apenas um aspecto dessa cosmovisão, que inclui concepções sobre política, sociedade, artes e outras áreas da vida humana.⁹⁷ Aliás, esse foi o enfoque adotado por Abraham Kuyper em suas famosas palestras sobre o calvinismo aos estudantes do Seminário Teológico de Princeton, em 1898, pois ele partiu do pressuposto de que o calvinismo “é muito mais extenso do que a interpretação confessional limitada nos levaria a supor”.⁹⁸ Desta forma, Hesselink parece correto ao afirmar que “o calvinismo nunca pode ser acusado de possuir um Deus que é muito pequeno ou uma visão da realidade que seja muito estreita”.⁹⁹ Além do mais,

⁹⁴ Etimologicamente, o termo cultura (lat. *colere*) significa “cultivar” ou “instruir”, mas o conceito é tão complexo que praticamente cada antropólogo cultural terá a sua própria definição. Cf. MALINOWSKI, B. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p. 43.

⁹⁵ LEITH, *A tradição reformada*, p. 160-161.

⁹⁶ VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 90.

⁹⁷ Cf. PLANTINGA, JR., Cornelius. *Engaging God's world*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002; KENNEDY, James e NEWCOMBE, Jerry. *Lord of all*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2005.

⁹⁸ KUYPER, *Calvinismo*, p. 24.

⁹⁹ HESSELINK, *On being Reformed*, p. 108.





Em contraste com a busca do luteranismo por um Deus gracioso, ou com o interesse do pietismo pelo bem-estar da alma do indivíduo, ou com o alvo wesleyano da santificação pessoal, o interesse último da tradição reformada transcende o indivíduo e sua salvação. Este interesse também vai além da igreja, o corpo de Cristo. É uma preocupação com o cumprimento da vontade de Deus também nos campos mais amplos do estado, da cultura, da natureza e do cosmos.¹⁰⁰

Logo, pode-se afirmar que a teologia reformada é realmente uma teologia do reino.

A perspectiva abrangente da cultura encontrada na teologia reformada é resultado direto de sua ênfase sobre a soberania de Deus, pois somente a majestade absoluta do Senhor proporciona uma visão unificada da vida e da realidade. Segundo essa concepção, tudo o que foi criado no mundo tem o propósito de glorificar a Deus, e o propósito de Deus para a sua criação é que o senhorio de Cristo se manifeste em cada área da vida (cf. 1Co 15.24-28; Ef 1.22-23; Fp 2.9). Essa noção geralmente tem sido conhecida como “esferas da soberania”, ou seja, cada esfera da vida (família, igreja, estado, ciência, etc.) encontra-se debaixo da soberania de Deus e deriva o seu governo do soberano Senhor. Somente quando Deus for colocado no centro é que o ser humano poderá entender o sentido de sua vida e de sua atuação neste mundo. A primeira implicação dessa ênfase é que a vida, como um todo, tem o propósito de ser um ato de adoração a Deus. Ser humano significa ser capaz de distinguir os atributos do Criador manifestos na criação e, como tal, apreciar a beleza de seus atos. Tudo o que o ser humano faz deve ter como objetivo glorificar o Criador. Assim, a teologia reformada não enfatiza a divisão entre uma profissão sagrada e outra secular (o que é comum na teologia católica romana), mas entende que Deus é glorificado sempre que o ser humano executa aquilo para o que foi designado.

A concepção reformada da cultura ainda passa por seu entendimento da doutrina da graça comum, ou seja, as operações gerais do Espírito Santo, que atua inclusive sobre os incrédulos com o objetivo de restringir o pecado, preservar a harmonia social e capacitar as pessoas para desempenharem importantes tarefas sociais.¹⁰¹ É bem verdade que há considerável divisão entre os teólogos reformados sobre esse assunto. Alguns negam veementemente a existência da graça comum e insistem que qualquer graça de Deus ao homem só pode ser recebida pelo sangue de Cristo e, portanto, tem objetivo redentor.¹⁰² Contudo,

¹⁰⁰ Ibid., p. 108-109.

¹⁰¹ MEETER, *The basic ideas of Calvinism*, p. 50-56; BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990, p. 425-426.

¹⁰² HOEKSEMA, Herman. *Reformed dogmatics*. Grand Rapids: Reformed Free Publishing Association, 1966, p. 205-207, 236, 252 e 470-471.





a maioria dos teólogos reformados sustenta a existência da graça comum, que vem sobre justos e injustos, como, por exemplo, a chuva, o sol, a inteligência, as concepções éticas e outros aspectos dessa natureza. Aqueles que defendem a existência da graça comum insistem na divisão entre a graça especial, que resulta na salvação, e a graça geral, que contribui para a preservação da vida neste universo até a revelação do Senhor Jesus.¹⁰³ Através da graciosa operação comum do Espírito Santo no mundo, o ser humano é habilitado a desenvolver o mandato cultural, embora não com perfeição, a praticar o bem social, a estabelecer normas civis para o convívio mais harmônico, a apreciar a beleza, a verdade e a bondade, bem como a se alegrar nas bênçãos comuns de Deus a todos (cf. At 14.15-18).¹⁰⁴

Finalmente, a partir do que foi apresentado pode-se dizer que a perspectiva reformada sobre a cultura é altamente positiva. Ao se analisar as diversas interações religiosas com a cultura a partir dos modelos comparativos estabelecidos por H. Richard Niebuhr, a concepção reformada destaca-se por sua coerência teológica e respaldo bíblico. Segundo Niebuhr há, no mínimo, cinco modelos de relacionamento entre a fé cristã e a cultura. Em primeiro lugar, estão aqueles que enfatizam Cristo contra a cultura, negando a necessidade de qualquer contribuição social. Em segundo lugar, aqueles que integram Cristo à cultura, criando uma espécie de sincretismo religioso-cultural. Em terceiro lugar, os que mantêm a existência de um paradoxo entre a fé cristã e a cultura. Em quarto lugar, existem os que defendem uma relação de superioridade entre a fé cristã e a cultura, a ponto de evitar qualquer interação com o mundo ao redor. E, por último, há os que defendem a posição de que a fé cristã é um instrumento divino para transformar a cultura ao redor.¹⁰⁵ Sem analisar cada um dos modelos em particular, é significativo observar que Niebuhr classifica os adeptos do calvinismo como aqueles que se identificam com o quinto modelo e defendem a fé cristã como um instrumento transformador da cultura. Isto, porém, só é possível quando os reformados entendem o conceito bíblico da vocação, ou seja, que cada pessoa possui uma vocação profissional estabelecida pelo próprio Deus a fim de que seja desempenhada para a glória do soberano Senhor.¹⁰⁶

Nenhum calvinista defende a transformação cultural à parte da aplicação dos princípios bíblicos para o ser humano. Assim sendo, essa transformação está intimamente conectada à proclamação do evangelho, à evangelização de vidas e à conversão de pessoas pelo Espírito Santo de Deus. Essa perspectiva

¹⁰³ Cf. KUYPER, *Calvinismo*.

¹⁰⁴ BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 425-426.

¹⁰⁵ Cf. NIEBUHR, H. Richard. *Christ and culture*. New York: Harper and Row, 1951.

¹⁰⁶ CALVINO, *Institutes*, III.x.6.





também não implica em um otimismo utópico, pois deve-se estabelecer uma distinção clara entre transformação e perfeição. A história bíblica e a experiência comprovam que, quando os princípios bíblicos são obedecidos pela igreja, os efeitos sociais são visíveis e as pessoas ao redor são levadas a concluir que “estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (At 17.6). Desse modo, a fé reformada entende que, seja o cristão um artista, um operário, um burocrata, um médico, um instrutor ou qualquer outro profissional, ele deve procurar fazer tudo para a glória de Deus (cf. 1Co 10.31).

CONCLUSÃO

Ao se concluir este artigo há que se destacar que a fé reformada apresenta vários aspectos positivos acerca dos quais os calvinistas podem se alegrar. Certamente ela é uma maravilhosa redescoberta para muitos cristãos, pois em seu objetivo maior ela dirige o indivíduo para as páginas das Escrituras, onde se encontra alicerçada. Todavia, a sua profundidade e abrangência representam um enorme desafio para aqueles que desejam não apenas o título, mas também o conhecimento da essência dessa cosmovisão. Esse desafio implica contínua reflexão e submissão à Palavra de Deus a fim de que a ortodoxia esteja sempre aliada à ortopraxia.

Na introdução de seu ensaio sobre a necessidade da fé reformada, Terry L. Johnson argumenta:

O antigo evangelho está morto. Os liberais o substituíram por uma visão mundanizada e politizada. Estas não são novidades recentes. Estão fazendo isto por muitas décadas. A coisa mais surpreendente é como podem, até mesmo os evangélicos conservadores, trocar o Evangelho real por uma mensagem de auto-ajuda e auto-realização. Os temas como pecado e salvação foram substituídos por assuntos mais em voga e na moda, emprestados da psicologia moderna... Perdemos o rumo do caminho, em nossos dias, e creio que são os distintivos da Fé Reformada que apontarão o caminho de volta para a igreja.¹⁰⁷

A julgar pelo crescente interesse de algumas pessoas pela teologia reformada, bem como por algumas declarações acerca dos benefícios dessa descoberta para elas, pode-se inferir que a esperança de Johnson tem se transformado em realidade. Queira o Senhor da igreja que tal interesse resulte em um verdadeiro despertar para muitos!

ABSTRACT

The purpose of this article is to provide an overview of the Reformed faith in order to reach a more precise definition of it. Though some topics will

¹⁰⁷ JOHNSON, *Por que a fé reformada?*, p. 40-41.





certainly need a further development, the objective of this study is to establish a map through which others might find some specific point to be investigated. Thus, this article attempts to correct some misunderstandings regarding the concept of the Reformed tradition. It is divided into three main sections: (1) historic aspects, (2) doctrinal principles, and (3) the cultural perspective of the Reformed faith. This seems to be a basic structure of the system here studied.

KEYWORDS

Theology; Reformed faith; Calvinism; History; Doctrine; Reformation; Reformed worldview.

